

O tempo das surpresas

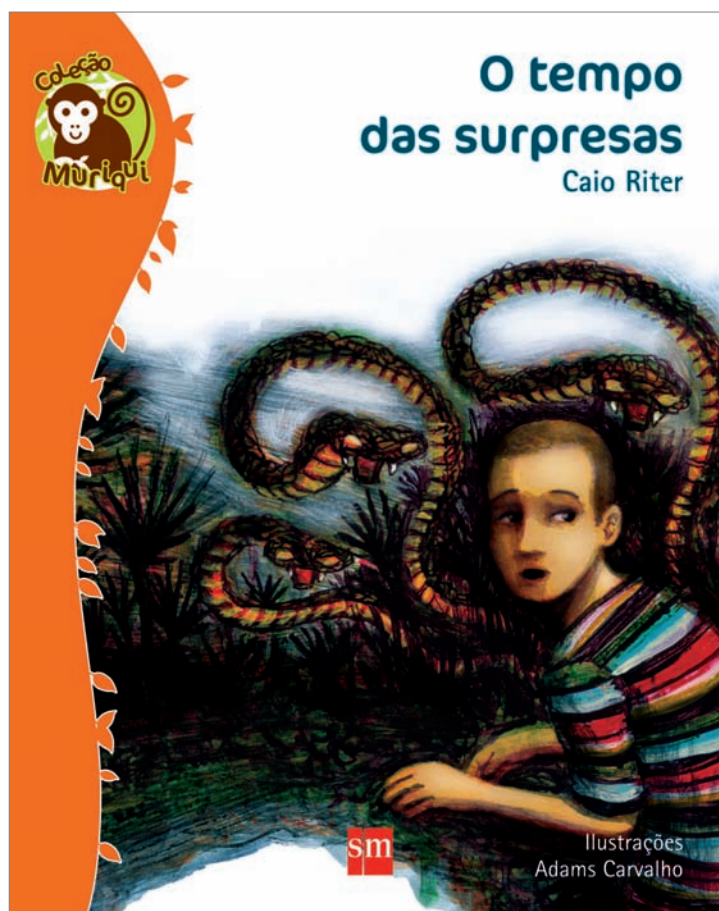
Caio Riter

Ilustrações Adams Carvalho

Temas Leucemia; Vida hospitalar; Pais separados; Drogas



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



144 páginas

SOBRE O LIVRO Alexandre é um jovem de 14 anos, portador de leucemia linfática aguda (LLA), que passa uma noite inteira acordado, às vésperas do dia mais decisivo de sua vida: aquele em que se submeterá a um transplante de medula. O livro é o relato dos pensamentos, lembranças, devaneios, esperanças e medos do protagonista durante essa noite insone. Ele nos fala não apenas da surpresa ante a descoberta da doença e dos receios quanto a seu prognóstico, mas também de sentimentos e dúvidas típicos da adolescência: a importância dos amigos, os desencontros amorosos, as dificuldades familiares, a saudade da escola e as dúvidas em relação ao futuro.

COMPLEXIDADE DO TEXTO A partir de 12 anos. Narrativa em primeira pessoa, centrada na luta de um garoto contra uma grave enfermidade, a leucemia, que, além de colocar sua vida em risco, altera de modo radical seu cotidiano. Por meio de um texto ágil e coloquial, o autor traz à tona questões centrais da adolescência (disputas amorosas, modelos parentais, dilemas éticos), aproveitando o contraste entre o “tempo de promessas” da juventude e a erosão do futuro causada pela doença.



2008996275018

POR QUE ESTE LIVRO?



O tempo das surpresas, de Caio Riter, retoma temas caros à literatura para adolescentes – relações familiares, sexualidade, escolhas éticas, drogas, amizade – sob uma nova luz: a incerteza do futuro diante de uma doença prolongada e de cura incerta. Tais temas são abordados de forma bem-humorada e honesta pelo protagonista, que, durante uma noite de vigília, às vésperas de uma cirurgia, compartilha conosco lembranças, sonhos e reflexões. Ficamos conhecendo seus melhores amigos (Cachorrão e Rodrigo), suas investidas e desencontros amorosos (sobretudo com Bianca e Lisa) e sua família (o pai ausente, Artur; a mãe amorosa, Manoela; o irmão caçula, Lucas; o padrasto companheiro, Peter, e sua filha, Mary Anne, que tem problemas com drogas).

A leucemia, o fardo da hospitalização e os pensamentos sobre a morte e o morrer são tratados com seriedade e leveza, possibilitando ao jovem leitor familiarizar-se de forma natural com situações-limite, que em geral não fazem parte de seu repertório de experiências.

A adolescência é a fase da vida em que as pessoas começam a abandonar os papéis e as pautas de comportamento característicos da infância e a caminhar, de modo lento (e muitas vezes penoso), para a construção da identidade adulta. Esse é um processo que envolve experimentações, avanços, recuos e manifestações ora de revolta, ora de nostalgia pelo que se deixa para trás. A riqueza do livro e seu potencial de trabalho em sala de aula estão na forma como a história toca nessas questões, sem apresentar respostas prontas e definitivas para os enigmas de tal transição.

O protagonista oferece ao professor muitas oportunidades de debate com seus alunos, quando, por exemplo, fala da sexualidade exacerbada de Cachorrão (o que estaria ele buscando realmente?), do temperamento intempestivo de Rodrigo (como um jovem capaz de gestos tão solidários – como o do corte de cabelos – pode também protagonizar situações de violência?), de Mary Anne (uma jovem envolvida com drogas que, ao se mostrar inúmeras vezes afetuosa e leal a sua família, nos faz questionar qual o limite entre as transgressões normais da adolescência e a delinquência juvenil) ou da ausência do pai (distante, mas não exatamente omissivo, o personagem de Artur nos leva a pensar sobre quanto um adolescente pode perdoar ou compreender as faltas de um adulto).

Dicas

Um divertido trabalho de criação textual a propor aos alunos poderia se inspirar nas descrições oníricas que entremeiam a história de Alexandre. Tal trabalho seria realizado em duplas, que se encarregariam de inventar, a um só tempo, o relato de um sonho e sua interpretação. O intérprete não teria necessariamente de se prender à decifração de tipo psicológico ou psicanalítico, podendo também arriscar-se em leituras proféticas ou divinatórias. Valeria inclusive buscar apoio em outros textos, como, por exemplo, os sonhos interpretados pelo personagem bíblico José no capítulo 41 do Gênesis. O importante é não esquecer que tudo não passa de uma brincadeira, já que não se trata de dar uma de psicólogo ou vidente, mas apenas de criar, simultaneamente, um relato enigmático e um caminho de decodificação.

Dicas

Alexandre sente a dor de perder os cachos que cultivava com tanto carinho. E Rodrigo, numa demonstração ao mesmo tempo discreta e eloqüente de solidariedade ao amigo, abre mão de suas tranças rastafári. A partir dessas passagens do livro, o professor pode incentivar a turma a debater sobre a importância do visual para a definição da identidade.

Hospitalizado há muitos meses, Alexandre se vê impossibilitado de vivenciar alguns aspectos da própria adolescência, a não ser por meio de lembranças e da identificação com outros personagens. Para isso, o autor lança mão de alguns recursos narrativos que podem ser apropriados pelo professor para exercícios de redação: livre associação de idéias, narração de memórias e descrição de sonhos. Este livro, portanto, tem um rico potencial de aproveitamento em sala de aula, a partir tanto do seu conteúdo como de sua forma.

O TEXTO EM FOCO - TEMAS EM DISCUÇÃO

CORPO EM CRISE, PAIS EM XEQUE

O historiador francês Philippe Ariès (1914-1984) afirma que cada época elege uma fase do desenvolvimento humano como objeto de estudo e valorização. Assim, ao século XIX caberia a descoberta ou a invenção da infância, enquanto o século XX teria a adolescência como modelo definidor do homem moderno. Iniciado o século XXI, a adolescência continua ocupando um lugar de privilégio – e de grande confusão. Se antes ela era definida como a manifestação psíquica das mudanças corporais da puberdade, hoje não encontra mais marcos iniciais ou finais evidentes. Parece começar cada vez mais cedo e acabar cada vez mais tarde. E a resposta à pergunta “O que é se tornar adulto?” fica cada vez mais nebulosa.

Todo profissional que trabalha com jovens sabe o desafio que tem de enfrentar: são meninos e meninas capazes de grandes questionamentos, privados muitas vezes de respostas consistentes dos adultos – indivíduos em luta pela construção de uma nova identidade.

Os adolescentes vivem pelo menos duas grandes perdas, fundamentais para seu crescimento: a do corpo infantil e a da certeza sobre a invencibilidade dos pais. Os hormônios passam a atuar de forma intensa, desejos são despertados, pêlos crescem, o corpo muda, sem que o jovem tenha qualquer controle. O pior: tudo acontece à vista de todos. O excesso de timidez ou o apelo exacerbado à sensualidade, a incorporação de modismos no guarda-roupa ou em marcas no próprio corpo (piercings, tatuagens, cores e cortes de cabelos...) são apenas jeitos com que cada um vai tentar dominar essas transformações.

Analisar um personagem de ficção é uma boa forma de o adolescente refletir sobre as próprias escolhas sem se expor ao grupo. Promova uma discussão a respeito do comportamento de Mary Anne. Ela tem momentos sinceros de afeto e arrependimento com seu pai, defende Alexandre do assédio de Elvis, dá mostras de querer se integrar ao grupo de amigos de Cachorrão. Por que, então, não consegue romper com a turma do namorado dando um basta às drogas?

Imerso em dúvidas, o adolescente faz uma descoberta desconcertante: seus pais não são infalíveis nem invencíveis; têm frustrações, limites e contradições – como todo mundo. Ainda que encontre na família um porto seguro, o jovem percebe que terá de buscar respostas em outros lugares. Nesse processo, é comum que se sinta às vezes enganado ou decepcionado e se volte contra os pais, em atitudes de revolta. Afinal de contas, ele começa a perceber que ser “adulto” não é tudo o que ele pensava. Mary Anne descobriu isso da forma mais terrível: com a morte da mãe durante um assalto a banco.

Os pais, que antes ocupavam um lugar idealizado pela criança, são temporariamente substituídos por outros personagens: um professor, um artista, um ídolo, uma tribo, uma religião, um *hobbie*, um projeto social... Tudo isso faz parte da busca de uma nova identidade e pode assumir dimensões variadas (umas mais, outras menos “saudáveis”) na vida do adolescente.

PARAÍDOS ARTIFICIAIS

O personagem de Mary Anne traz à tona uma questão que faz parte das preocupações de todo educador: o uso de drogas. A Classificação Internacional de Doenças, Lesões e Causas de Óbito (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS) – documento usado como referência por diferentes profissionais da saúde – identifica dez classes de substâncias que afetam o sistema nervoso central. São as chamadas drogas psicoativas, que, a despeito da via de administração, são capazes de alterar o humor, a consciência, a percepção ou o raciocínio do usuário. Elas incluem substâncias lícitas (cigarro, álcool e medicamentos) e ilícitas.

Em uma bonita passagem do livro, Peter compartilha com Alexandre sua preocupação em relação à filha: ela não estaria mais usando apenas cigarros comuns. É compreensível a inquietação de pais e educadores em relação às drogas ilegais, uma vez que seu uso tem um importante aspecto contraventor. No entanto, do ponto de vista da saúde, deve-se ter em mente que a legalidade de uma substância não torna seu uso menos arriscado nem impede a dependência. Mas atenção: por mais que se tenha avançado na clínica da dependência química, ainda se desconhecem os fatores que desencadeiam dependência pelo uso esporádico de qualquer droga.

A CID também oferece alguns conceitos importantes para o diagnóstico da dependência química. Segundo a edição de 1993, uso nocivo substituiu o termo abuso, para designar a utilização

continuada de uma substância psicoativa, de forma a causar prejuízos à saúde. Esses danos podem ser físicos, mentais ou sociais, abrangendo vários aspectos da vida do usuário – desavenças em casa, faltas e atrasos na escola, comportamento inconveniente em festas etc. A intoxicação aguda é uma condição transitória, só considerada prejudicial à saúde quando ocorre com frequência. Ou seja, uma experiência isolada de bebedeira, por exemplo, não é motivo para alarde.

A dependência é a necessidade física e/ou psicológica de determinada substância. A dependência física consiste na adaptação do organismo ao uso crônico de qualquer droga. Em sua ausência, o corpo pode responder com os mais variados sintomas da síndrome de abstinência, até mesmo a morte. A dependência psicológica aparece devido ao uso nocivo de qualquer psicoativo: o usuário precisa daquela substância para atingir seu nível máximo de desempenho ou sensação de bem-estar. Ter de fumar um cigarro para se acalmar antes da prova, por exemplo, já caracteriza ao menos uma dependência psicológica. O termo adição está relacionado à dependência, mas é mais empregado em referência a seus aspectos comportamentais, isto é, à importância que a droga assume na vida do usuário.

Por isso o trabalho de tratamento e prevenção do uso de drogas é complexo e exige o auxílio de profissionais capacitados das mais diferentes áreas – uma delas, a educação.



EM TEMPO

PREPARANDO-SE PARA A TRAVESSIA

Alexandre, em certo ponto da história, se confessa cansado das mesmas palavras de otimismo que as pessoas lhe dirigem de forma quase mecânica. Ele então constata: “É triste saber que nada depende muito de mim”. O que nosso herói parece reivindicar é um espaço de expressão de seu medo e de sua tristeza. E o que se observa é que, às vezes, a dificuldade de encarar uma enfermidade como a leucemia está muito mais do lado dos acompanhantes do que do próprio doente.

No momento da vida em que o corpo está tão em evidência – os cabelos como traço de identidade, a liberdade de movimentos sobre a *bike*, as “ficações” nas festas, o desejo por Bianca –, Alexandre vê-se preso ao hospital. Nas melhores ocasiões, pode descer até a cantina ou fazer uma tímida comemoração de seu

aniversário. Mas sua vontade é de retorno: voltar para casa, voltar para a escola – lugares que, em qualquer outra circunstância, são motivo de queixa dos adolescentes.

É compreensível que as contestações do personagem se desloquem para outras figuras de autoridade, como o Dr. Adriano, incapaz de responder à pergunta “Por que eu?”, e como a psicóloga Clara, que oferece a Alexandre justamente aquilo que ele reclama das outras pessoas, um espaço para falar.

Apesar da leucemia, ele é um adolescente saudável. E, como todo bom adolescente, dá um jeito de escapar das restrições que a vida adulta e a realidade da doença lhe impõem. Ele recorda, reflete, devaneia. Retorna a tempos melhores, lembra fases tristes, teme o futuro, fantasia um horizonte de cura e sonha. E, como todo bom adolescente, em momento de extrema angústia, refugia-se, ainda que só um pouco, em um tempo no qual era pequeno e podia proteger-se no colo do pai. E, como todo bom adolescente, reúne coragem para seguir em frente e atravessar a porta sozinho, sem saber exatamente o que vai encontrar do outro lado.



DICAS DE LIVROS

PARA O PROFESSOR

- *A adolescência*, de Contardo Calligaris. São Paulo: Publifolha, 2000.
Calligaris apresenta as novas tentativas de definição da adolescência, em uma abordagem acessível a profissionais de diferentes áreas.
- *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*, de Arminda Aberastury e Maurício Knobel. Porto Alegre: Artmed, 1981.
Referência clássica na literatura sobre adolescentes, Arminda Aberastury e Maurício Knobel tratam dos lutos vividos nessa etapa da vida: luto pela perda do corpo, das figuras paternas e dos papéis infantis.
- *Álcool, outras drogas & informação – o que cada profissional precisa saber*, de Carla Bicca, Fernando Amarante e Gilda Pulcherio (orgs.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
O livro é resultado do 1º Curso de Extensão em Dependência Química, promovido pela Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul e pelo Centro de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos de Rio Grande.

PARA O ALUNO

- *Pula-elástico*, de Zoran Pongrasic. São Paulo: Edições SM, 2006 (col. “Estado de Alerta”).
Livro que conta a história de Marina e sua volta ao lar, após seis meses de internação, para tratamento de uma leucemia. As dificuldades de retorno à rotina doméstica, a dor pela perda dos cabelos, a inibição diante das amigas, o desconforto ante a superproteção da mãe são alguns dos problemas enfrentados – muitas vezes com humor – pela jovem de 12 anos.

DICA DE SITE

PARA O ALUNO E PARA O PROFESSOR

- www.abrale.org.br
Site da Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia, com informações oficiais sobre diferentes tipos de câncer infantil, hospitais especializados em todo o Brasil, orientação clínica e jurídica, esclarecimento de dúvidas, publicação de pesqui-

sas e informações gerais sobre a rede de apoio a pacientes e familiares de pacientes que sofrem de leucemia. O site inclui um vídeo explicativo sobre o Registro Brasileiro de Doadores Voluntários de Medula Óssea (Redome) e material sobre a relação da criança com câncer e a escola.

DICAS DE FILMES

PARA O ALUNO

- *As filhas de Marvin*, dirigido por Jerry Zacks (*Marvin's room*, Estados Unidos, 1996).

O filme narra a história de Bessie (Diane Keaton), mulher recatada que, depois de passar vinte anos cuidando do pai e da tia, descobre que está com leucemia. Tal descoberta a leva a reencontrar Lee (Meryl Streep), a irmã maluca que andava sumida e surge do nada, com dois filhos problemáticos. O encontro as leva a repassar as mágoas a limpo ao mesmo tempo que defrontam o medo da morte e reconhecem o valor dos vínculos familiares.

- *Diário de um adolescente*, dirigido por Scott Kalvert (*The basketball diaries*, Estados Unidos, 1995).

O filme é baseado no livro autobiográfico do jogador de basquete Jim Carroll (Leonardo DiCaprio), grande promessa do esporte na adolescência. Entre os conflitos que o jovem enfrenta estão a pressão e o abuso do treinador e a superproteção da mãe. Ele também assiste à morte de seu melhor amigo, Bobby (Michael Imperioli), em decorrência de leucemia. Jim acaba se envolvendo com drogas, crimes e prostituição, e o filme narra essa viagem sombria de forma realista e contundente.

REFLETINDO COM OS ALUNOS

Alexandre dá algumas informações sobre sua doença ao longo do livro. Em uma aula de Biologia, por exemplo, pode-se propor alguma dessas passagens como ponto de partida para uma pesquisa mais aprofundada sobre a composição do sangue, enfermidades correlatas e tratamentos.

Já os professores de História e Geografia podem aproveitar a menção do protagonista, no capítulo “Tempo de viagem”,

a um passeio escolar às “missões”. Os alunos sabem do que ele está falando? Esse é um tema que permite: resgatar a história das missões, fundadas sobretudo no século XVII pelos padres da Companhia de Jesus (movimento derivado da Contra-Reforma européia); estudar como se organizavam essas civilizações indígenas; pesquisar sobre a cultura guarani e seu legado; investigar os aspectos geográficos dos sítios arqueológicos, principalmente o de São Miguel Arcanjo – localizado no município de São Miguel das Missões (declarado patrimônio cultural mundial pela Unesco em 1983). O site www.missoes.iphan.gov.br oferece um guia de informações completo, com textos, guias turísticos, fotos, dicas de atividades e linha do tempo.

De outra perspectiva, os títulos dos capítulos (“Tempo de lembranças”, “Tempo de descobertas”, “Tempo dos tempos”...) podem nos remeter aos versos bíblicos do *Eclesiastes*, sobretudo ao capítulo 3, abaixo reproduzidos na inspirada tradução do poeta Haroldo de Campos (1929-2003):

Para tudo seu momento/ e tempo para todo o evento sob o céu:// Tempo de nascer e tempo de morrer/ Tempo de plantar e tempo de arrancar a planta/ Tempo de matar e tempo de curar/ Tempo de destruir e tempo de construir/ Tempo de pranto e tempo de riso/ Tempo de ânsia e tempo de dança/ Tempo de atirar pedras e tempo de retirar pedras/ Tempo de abraçar e tempo de afastar os braços/ Tempo de procurar e tempo de perder/ Tempo de reter e tempo de dissipar/ Tempo de rasgar e tempo de coser/ Tempo de calar e tempo de falar/ Tempo de amar e tempo de odiar/ Tempo de guerra e tempo de paz.

Extraído de *Qohélet = O-que-sabe*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Aqui é possível envolver a classe em diferentes atividades:

1. Pode-se propor aos alunos que escolham um verso do *Eclesiastes* e façam uma dissertação relacionando-o com o momento vivido por Alexandre.
2. Professores de Religião, Literatura e Filosofia podem se apoiar nos trabalhos de críticos literários sobre o tema para explorar melhor a passagem bíblica e promover debates entre os alunos. Harold Bloom, no livro *Onde encontrar a sabedoria?* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), dedica um capítulo inteiro ao *Eclesiastes* e ao *Livro de Jó*, comentando como esses tex-



tos tiveram impacto sobre ele quando enfrentava uma doença que envolvia risco de morte.

3. Em uma atividade mais livre, o professor de Português pode propor uma dissertação a partir da seguinte orientação: “Escolha um dos capítulos do livro *O tempo das surpresas* como título de seu texto e faça uma dissertação sobre o tema ‘hoje, estou vivendo um tempo de ...’”.

Enfim, são muitos os caminhos de exploração dos temas abordados nesta história. O importante é levar em conta tanto a demanda dos alunos, o interesse específico sobre determinados aspectos da trama como as oportunidades de cruzamento entre tais aspectos e os conteúdos disciplinares.

ELABORAÇÃO DO GUIA ELIANE RIVERO JOVER REVISÃO
MÁRCIA MENIN E ANABEL LY MADUAR.

